

A influência da Etnografia na emergência da Linguística Sistêmico-Funcional

The influence of Ethnography in the emergence of Systemic-Functional Linguistics

Anielle Aparecida Fernandes de Morais¹

Resumo: Na reflexão proposta por esta revisão bibliográfica, partimos da constatação de que a Linguística Sistêmico-Funcional, da qual Michael Halliday é um dos maiores representantes, foi influenciada por pressupostos etnográficos do antropólogo polonês, Bronislaw Malinowski. Halliday toma a linguagem sob uma perspectiva sociosemiótica, o que pressupõe pensá-la como um conjunto de sistemas e de significados abertos à vida social e entrecortados pelo que Malinowski denominou como contexto de situação e contexto de cultura, caracterizados, de forma geral, pelas circunstâncias extralinguísticas da enunciação. Essa influência foi significativa para o desenvolvimento e a manutenção do pensamento funcionalista da linguagem, uma concepção tão cara, ainda hoje, aos estudos sobre linguagem como um fenômeno social.

Palavras-chave: Linguística Sistêmico-Funcional; etnografia; perspectiva sociosemiótica da linguagem; contexto de situação; contexto de cultura.

Abstract: In the reflection proposed by this literature review, we start from the observation that Systemic-Functional Linguistics, represented by Michael Halliday, was influenced by the Ethnography of the anthropologist Bronislaw Malinowski. Halliday takes language from a socio-semiotic perspective, which presupposes language as a set of systems and meanings open to social life and intersected by what Malinowski called context of situation and context of culture. Both, context of situation and context of culture, are characterized, in general, by extralinguistics circumstances of enunciation. This influence was significant for the development and maintenance of the functionalist thought of language, a concept that is fundamental, even today, to studies on language as a social phenomenon.

Keywords: Systemic-Functional Linguistics; ethnography; socio-semiotic language; context of situation; context of culture.

¹ Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, GO, Brasil. Endereço eletrônico: aniellemorais@gmail.com.

Introdução

O Funcionalismo Linguístico, do qual Michael Halliday é um dos mais reconhecidos representantes, se caracteriza por duas posições fundadoras: a primeira é a de que esse paradigma teórico exerce uma evidente oposição à linguística formalista, cuja investigação se assenta nas estruturas; e a segunda é a de que o Funcionalismo atribui inegável atenção à comunicação e ao viés social da linguagem.

Halliday, em especial, firmou-se em uma postura sociossemiótica da linguagem, a partir da qual defende que qualquer relação entre linguagem, sociedade e cultura só pode ser extraída e pensada no e pelo texto. Dessa postura se originou a Gramática de Escalas e Categorias, posteriormente nomeada como Gramática Sistemico-Funcional, pela qual Halliday é mundialmente conhecido. A linguagem, nessa perspectiva, tem dois modos de funcionamento: a combinação (relações sintagmáticas) e a seleção (relações associativas ou paradigmáticas).

Para o autor funcionalista, a linguagem só existe quando ela passa a funcionar em algum meio. Não se experimenta linguagem em situação de isolamento, por exemplo. Isso porque aquela precisa estar em relação com algum cenário, devendo estabelecer associação com antecedentes pessoais e eventos, isto é, com a situação de produção linguística.

Halliday (1991) pensou o sistema linguístico a partir de uma perspectiva metafuncional, ou seja, a linguagem baseada no uso. Ele defende que as metafunções são manifestações, no sistema linguístico semântico, dos propósitos que abarcam os usos da linguagem, o que inclui: entender o ambiente (realizado pela metafunção ideacional) e influir sobre os outros (uma realização da metafunção interpessoal). Atrrelada a elas está a metafunção textual, que confere relevância e instrumentaliza as duas primeiras.

Sendo o texto um produto e um processo, ele é inseparável de seu contexto que é variável. Isso explica serem ambos, texto e contexto, instâncias que se complementam. Assim, é por meio da noção de contexto que o linguista constrói a ponte entre texto e sua situação (ambiente) de produção, tendo em vista que a situação de origem do texto é sempre anterior ao próprio texto.

Os pressupostos sobre contexto, amalgamados pela Linguística Sistemico-Funcional, são oriundos dos trabalhos etnográficos do antropólogo polonês Bronislaw Malinowski, cujo método de estudos incentiva a investigação da linguagem em ação, com salutar atenção às interações entre os participantes. Assim sendo, neste trabalho, o nosso objetivo é refletir sobre a posta influência da Etnografia para a formação do campo de estudos da Linguística Sistemico-Funcional.

Um estudo que promova a articulação entre métodos de análise linguística e métodos etnográficos pode ser útil a inúmeras áreas, objetivos e objetos de pesquisa. A título de exemplo, pode-se pensar que a linguagem se tornou mais atraente e comerciável para atendimento de interesses econômicos, organizacionais e políticos. Tal conjuntura explica como a linguagem passou a ocupar a posição central do modo de produção do novo capitalismo. E mais: como a linguagem se tornou objeto de interesse para estudo de questões sociais.

Nesse cenário, é praticamente impossível separar a linguagem das condições sociais que a delinham, assim como também é raro que fenômenos sociais ocorram sem a presença e atuação da linguagem. E, por isso, observar e refletir sobre as postas relações entre o social – por meio dos conceitos de contexto de cultura e contexto de situação –, e a linguagem é inegavelmente produtivo à construção da ciência de um modo geral.

Linguística Sistêmico-Funcional

A tese de que a habilidade linguística é produto da estrutura social foi defendida pelo linguista funcionalista Michael Halliday, para quem os significados sociais e as realizações textuais exercem relações eminentemente funcionais. Vem do universo funcionalista hallidayano a noção de que a linguagem é funcional por natureza, tendo em vista que ela se constitui no ato de interação, como expõem Fowler e Kress (1979, p. 188, nossa tradução):

Uma importante afirmação feita por Halliday é que a linguagem é aprendida em contextos de interação e já que a linguagem em uso responde a situações de interação, então, a estrutura da linguagem deveria ser encarada como uma resposta à estrutura da sociedade.²

Uma das maiores contribuições de Michael Halliday (1978, 1985) para o Funcionalismo se assenta na análise multifuncional da sentença, que investiga textos sob a perspectiva das três metafunções sociais da linguagem e presentes em qualquer enunciado: (1) a metafunção ideacional, isto é, a representação social possível de se atribuir aos objetos do discurso durante sua produção; (2) a metafunção interpessoal, ou seja, as ações sociais que se efetivam no momento da produção discursiva e; (3) a metafunção textual, segundo a qual a estrutura o texto indica determinadas intenções de quem o produz.

Destacando a natureza funcional da língua, Halliday sedimentou o uso do termo *metafunção*, sugerindo a função como um componente integral da linguagem em uso. A

² The stronger claim made by Halliday is that, since language is learned in contexts of interaction, and since the structure of language in use is responsive to the communicative of these interactions, the structure of a language should generally be seen as having been formed in response to the structure of the society that uses it.

Halliday foi creditado o mérito por, pioneiramente, apontar a relação entre produção de significado e estrutura social e defender que os significados sociais e realizações textuais exercem relações eminentemente funcionais. Essa proposição, do ponto de vista de Fowler e Kress (1979, p. 187), não pode, de forma alguma, ser desconsiderada no escopo de uma análise mais crítica das produções linguísticas.

Halliday se apoia na concepção de língua como fenômeno primordialmente social, internalizada pelos falantes no desenvolvimento de necessidades e restrições comunicativas, sejam elas biológicas, psicológicas ou contextuais. Pelo inventário funcionalista, o sistema linguístico existe em função dos usos que a língua assume socialmente.

Uma das obras mais conceituais do autor é *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective* (escrito originalmente em 1985 e citado aqui pela versão de 1991). O livro instaurou três princípios fundamentais sobre a linguagem: ela é semiótica, é social e é, também, funcional. Em outras palavras, nessa obra, Halliday sedimentou a perspectiva sociosemiótica da linguagem.

A noção de semiótica, para o autor, deriva do conceito de signo, que dentro do enquadre estabelecido por Saussure trata-se de uma entidade isolada que existe anteriormente a qualquer outra coisa. Contrariamente a isso, Halliday propõe pensar em análise de um sistema de signos disposto em redes de relações, o que, conseqüentemente, nos conduz ao estudo do significado e dos sentidos de modo mais amplo do que aquele empreendido pelo Estruturalismo.

Na visão de Michael Halliday, os sistemas linguísticos são abertos à vida social; isto é, eles não trabalham individualmente e são entrecortados por relações das mais diversas naturezas, sobretudo, aquelas que têm origem no social. Daí por que sua perspectiva se define como semiótica e social (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017, p. 25).

O ato de linguagem é, sob a rubrica do Funcionalismo de Halliday, um ato de significado, ou seja, uma forma de agir semioticamente e, nesse sentido, “a linguagem é um potencial de significado compartilhado, tanto uma parte quanto uma interpretação intersubjetiva da experiência.” (HALLIDAY, 1982, p. 10, nossa tradução).³ Em outros termos, para esse autor, a linguagem é um potencial daquilo que alguém pode fazer no sentido linguístico. O que uma pessoa pode decidir fazer (como falante ou ouvinte) equivale ao que ela pode significar. Dessa forma, o potencial da linguagem é o que podemos significar (sistema semântico) por meio do que podemos dizer (sistema léxico-gramatical) (HALLIDAY, 1982, p. 41).

³ En ese sentido, el lenguaje es un potencial de significado compartido, a la vez tanto una parte como una interpretación intersubjetiva de la experiencia.

Para os funcionalistas, a língua se organiza em torno de duas possibilidades: a cadeia (sintagma) e a escolha (paradigma). Levar em conta o nível sistêmico implica considerar que os usos da linguagem requerem escolhas linguísticas. A gramática é um sistema de “escolhas possíveis não arbitrariamente motivadas, ainda que nem sempre conscientes, uma vez que o grau de consciência pode variar de uma escolha subconsciente até uma escolha mais consciente.” (NEVES, 1994, p. 117).

A visão funcional da linguagem não é apenas um traço teoricamente distintivo presente na Linguística Sistêmico-Funcional; essa visão enfatiza também o caráter transformador da língua no discurso. Há que se considerar nisso tudo os aspectos internos da linguagem (suas propriedades gramaticais e fonológicas) e os aspectos externos (sociais). Operando desta forma, a Linguística Sistêmico-Funcional mantém o cerne do pensamento hallidayano.

Sobre o termo social, que acompanha a expressão semiótica social, uma primeira e fundamental consideração é a de que o termo social é usado no Funcionalismo para designar um sistema social, o qual pode ser considerado como sinônimo de cultura. Disso decorre que a semiótica social passa a ser uma referência de sistema social ou sistema de cultura, um sistema de significados ou, ainda, um sistema cultural de significados: “A linguagem como semiótica social significa interpretar a linguagem dentro de um contexto sociocultural, em que a própria cultura é interpretada, em termos semióticos, como um sistema de informação.” (HALLIDAY, 1982, p. 10, nossa tradução).⁴ Em outros termos, a semiótica social é “um entre um conjunto de sistemas e de significados que, juntos, constituem a cultura humana.” (HALLIDAY, 1991, p. 04, nossa tradução).⁵

A segunda reflexão que precisa ser extraída do termo semiótica social é que a palavra social indica, no Funcionalismo, uma preocupação particular com as relações entre linguagem e estrutura social. Essa área de estudo considera a estrutura social como um aspecto do próprio sistema social (HALLIDAY, 1991, p. 04).

Nesse sentido, para Halliday, qualquer relação entre linguagem, sociedade e cultura só pode ser extraída e pensada no texto e pelo texto. E assim, o texto se torna, dentro da Linguística Sistêmico-Funcional, a principal unidade de análise. Para Halliday (1991, p. 10), texto é todo fragmento de linguagem viva, parte de um contexto de situação que produza significados, o que implica considerá-lo como uma unidade semântica e produtora de sentidos. Em outras palavras:

⁴ [...] lenguaje como semiótica social significa interpretar el lenguaje dentro de un contexto sociocultural, en que la propia cultura se interpreta en terminos semióticos, como un sistema de informacion, se si prefriere esa terminologia.

⁵ I would use the term ‘semiotic’ to define the perspective in which we want to look at language: language as one among a number of systems of meaning that, taken all together, constitute human culture.

“Texto é qualquer instância da linguagem, em qualquer meio, que faz sentido para alguém que conhece a linguagem.” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 4-5, nossa tradução).⁶

Sendo o texto inseparável de seu contexto, ambos se tornam parte de um mesmo processo: “Existe um texto e outro texto que o acompanha: um texto que está junto, nomeado de contexto.” (HALLIDAY, 1991, p. 05, nossa tradução).⁷ É por meio da noção de contexto que o linguista constrói a ponte entre texto e sua situação (ambiente) de produção, tendo em vista que a situação de origem do texto é sempre anterior ao próprio texto.

Contudo, é preciso frisar que considerar o contexto de situação de uma produção de linguagem não implica em trazer, para a avaliação, acontecimentos de toda ordem, com todo o material imagético e sonoro que rodeia as expressões usadas, por exemplo. O contexto de situação se refere às circunstâncias extralinguísticas pertinentes ao uso produtivo da língua no momento da enunciação (HALLIDAY, 1991, p. 38). Há nisso uma razão prospectiva e não retrospectiva: de compreender como os leitores preveem o que será dito no texto.

Como unidade semântica, o texto demonstra padrões de relação com a situação, que constituem o que Halliday (1991, p. 38) chama de registro, que é dado pela organização de significados por efeito de uma situação. O conceito de registro faz referência à configuração de recursos semânticos que os membros de uma cultura associam a um tipo de situação, que pode ser reconhecida pela seleção dos significados de palavras e estruturas que constituem a variedade de um texto. Em outro dizeres, o registro é uma variedade funcional da linguagem, o que implica em pontuar que os significados do contexto de situação influenciam e são influenciados pelos significados do registro (SILVA, 2018)⁸.

Etnografia

Os pressupostos sobre contexto de situação propalados pela Linguística Sistêmico-Funcional têm origem nos trabalhos desenvolvidos pelo antropólogo polonês Bronislaw Malinowski, que Halliday conheceu por meio de seu professor e orientador, John Rupert Firth.

⁶ The term ‘text’ refers to any instance of language, in any medium, that makes sense to someone who knows the language.

⁷ There is a text and there is other text that accompanies it: text that is ‘with’, namely the con-text.

⁸ Outros pesquisadores, depois de Halliday, abordaram o registro sob diferente perspectiva. É o caso de James Robert Martin, da *Escola de Sydney*, que desenvolveu a teoria de gênero e registro nos anos 1980. Para o autor, qualquer texto envolve escolhas relacionadas a campo (atividade dos participantes), relações (papeis dos participantes) e modo (papel da linguagem), que são as condições do contexto de situação. Concomitantemente, o texto é uma instância do gênero, cuja escolha é uma condição do contexto de cultura, sendo o gênero concebido como tipo de texto (MARTIN, 1992). Embora seja importante mencionar a noção postulada por Martin, ela não configura objeto de nossa discussão, tendo em vista que o artigo se concentra nas reflexões prelecionadas por Halliday.

Atribui-se a Firth o mérito por organizar a teoria etnográfica de Malinowski em um quadro teórico e metodológico de aplicação a fenômenos linguísticos. Vale lembrar aqui que os estudos de Malinowski, embora tenham incluído análises de linguagem, não são considerados linguísticos porque se assentam principalmente na avaliação do modo de vida das comunidades estudadas e não em uma pesquisa genuinamente linguística.

Em sua obra escrita em 1985⁹, Halliday retoma trabalhos de investigação realizados por Malinowski durante os anos de 1923 e 1935, nas Ilhas Trobriand, localizadas na região sul do pacífico e onde se fala a língua Kiriwinian. Comunicando-se por meio da língua nativa dessas comunidades, Malinowski analisou textos de diálogos com moradores locais, os quais, à época da pesquisa, sobreviviam basicamente das atividades de pescaria e jardinagem.

Um dos desafios enfrentados por Malinowski em suas pesquisas foi tornar inteligíveis e traduzíveis para o inglês os textos nativos que estudou. A tribo fazia diferentes sons relacionados ao momento de uso da linguagem, o que ele chama de linguagem em ação. O teórico, então, recriou todo o ambiente de uso do Kiriwinian – durante uma atividade de pescaria daquela população –, para, posteriormente, explicá-lo e traduzi-lo para o inglês.

Para cumprir tal objetivo, o etnógrafo polonês adotou diferentes métodos, dentre os quais, a adição de comentários aos textos traduzidos para a língua inglesa. Os comentários incluíam informações acerca do ambiente e das circunstâncias que originaram os textos. A técnica foi utilizada com o intuito de reportar fielmente as condições extralinguísticas que acompanhavam os diálogos (HALLIDAY, 1991, p. 05).

Ao ambiente e às circunstâncias imediatas e extralinguísticas que emergiram dos textos, Malinowski deu o nome de contexto de situação, conceito que abarca também a realização de gestos, além da produção de sons, sinais e símbolos (HALLIDAY, 1991, p. 06).

A definição de contexto adveio da dificuldade que Malinowski encontrou para promover a correspondência do Kiriwinian para o inglês, o que não poderia ser feito apenas a partir de uma tradução literal entre palavras, conforme assinala Halliday:

Malinowski precisava de um termo que expressasse o ambiente total, incluindo o ambiente verbal, mas também incluindo a situação em que o texto foi enunciado [...] Por contexto de situação ele quis dizer o ambiente do texto. (HALLIDAY, 1991, p. 6, nossa tradução).¹⁰

⁹ Utilizamos aqui a versão de 1991.

¹⁰ Malinowski needed a term that expressed the total environment, including the verbal environment, but also including the situation in which the text was uttered [...] By context of situation he meant the environment of the text.

Com esse trabalho, Malinowski inaugurou um método de estudos que investiga a linguagem em ação, propondo que pesquisadores se atentassem às interações entre os participantes como parte crucial do desenvolvimento da linguagem em uma dada situação. Em outros termos, foi assim que se formou a base teórica relacionando funcionamento linguístico e contexto, que se tornaria, mais tarde, uma influência para a teoria funcionalista da linguagem.

Ao longo do tempo, o uso da noção de contexto de situação para estudo da linguagem foi deixando o âmbito das línguas primitivas e se disseminou por outros campos até se tornar, como ainda é, um aparato metodológico para pesquisas de línguas universais, a exemplo de estudos a respeito do inglês e de outros idiomas (HALLIDAY, 1991, p. 8-9).

Lembremo-nos, nesse ponto, sobre o alerta de Magalhães, Martins e Resende (2017, p.31), de que qualquer estudo sobre o contexto, e reconhecidamente etnográfico, é sempre mediado pela produção linguística e requer um trabalho de campo sério, eficiente e qualitativo.

Como dito alguns parágrafos acima, o mérito por articular o conceito de contexto de situação, de ordem antropológica, ao estudo sobre os significados, de ordem linguística, é creditado a Firth que, no decorrer de suas pesquisas, compôs um modelo ideal de contexto de situação aplicável à linguística. Para tanto, o linguista inglês retomou quatro pilares fundamentais da Etnografia de Malinowski (HALLIDAY, 1991, p. 8), a saber:

- Participantes da situação: referente aos participantes e os papéis que eles assumem na relação linguística (quem fala ou escreve; quem ouve ou lê).
- Ação dos participantes: refere-se às ações executadas pelos participantes no processo de interação, incluindo ações verbais e não-verbais.
- Outras características da situação: relacionam-se a objetos e eventos do ambiente onde se dá a interação por meio da linguagem.
- Efeitos da ação verbal: referentes a mudanças provocadas pelo que os participantes devem dizer em determinada situação.

A adaptação da Etnografia de Malinowski operada por Firth influenciou Halliday (1991, p. 12) a propor as três características fundamentais, ou apropriadas, do contexto de situação de um texto, conforme podemos ver a seguir:

- Campo: refere-se à atividade realizada pelos participantes, à natureza da ação social, acontecimento no qual os participantes estão engajados.
- Relações: envolvem os participantes, a natureza dos papéis que desempenham, o nível de controle de um participante sobre o outro, a relação de hierarquia (se houver) entre eles, distância social e grau de formalidade.
- Modo: refere-se ao papel da linguagem, ao tipo de linguagem usada, de acordo com as expectativas dos participantes, ao veículo utilizado na situação.

Os três elementos do contexto de situação anteriormente mencionados e presentes em *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective* (1991) se desdobraram mais tarde no que Halliday passaria a considerar como metafunções da linguagem, quais sejam: metafunção ideacional, metafunção interpessoal e metafunção textual.

Depois de observar, compreender e estudar o ambiente imediato – contexto de situação – e associá-lo à linguagem usada pelos nativos das Ilhas Trobriand, Malinowski chegou à conclusão que seria necessário também investigar o repertório cultural e histórico mais profundo das interações linguísticas executadas pelos participantes e dos tipos de práticas em que eles estão engajados, como nos conta Halliday no próximo trecho.

Ele [Malinowski] também viu que era necessário trazer à tona mais do que o ambiente imediato. Ele percebeu que, em qualquer descrição adequada, era necessário fornecer informações não apenas sobre o que estava acontecendo na época, mas também sobre o contexto cultural total. Isso porque os sinais e sons não eram os únicos envolvidos nas interações linguísticas e trocas conversacionais, mas toda a história cultural por trás dos participantes e por trás das práticas nas quais eles estavam engajados, determinando significados para a cultura. (HALLIDAY, 1991, p. 6, nossa tradução).¹¹

O contexto de cultura, na perspectiva de Malinowski, é de extrema relevância para retratar as mais amplas práticas – de diferentes países, etnias e também práticas institucionalizadas como escola, família, igreja, justiça, etc. O contexto de cultura tem muito a dizer sobre as condições sociais mais ligadas a costumes, moral, política, ideologia, que regulam uma determinada comunidade e que se manifestam linguisticamente em textos.

¹¹ He also saw that it was necessary to give more than the immediate environment. He saw that in any adequate description, it was necessary to provide information not only about what was happening at the time but also about the total cultural background, because involved in any kind of linguistic interaction, in any kind of conversational exchange, were not only the immediate sights and sounds surrounding the event but also the whole cultural history behind the participants, and behind the kind of practices that they were engaging in, determining their significance for the culture.

O etnógrafo adicionou o estudo do contexto de cultura às suas reflexões e saiu em defesa de que qualquer processo interacional linguístico é tramitado por elementos que vão além de sinais e sons. Como desdobramento disso, considerou o repertório cultural – simbologia, rituais, padrões de comportamento – existente por trás dos participantes e das práticas nas quais eles estavam engajados no processo de feitura do texto, segundo Halliday (1991, p. 07).

A função do contexto de cultura, a exemplo do que ocorreu com o contexto de situação, também foi esclarecida por Malinowski em suas pesquisas etnográficas nas Ilhas Trobriand, local onde o autor constatou o uso pragmático da língua: os enunciados proferidos pelos trobriandeses eram sempre acompanhados de uma ação física.

De acordo com Malinowski, as palavras daquela comunidade eram utilizadas pelos moradores com o objetivo de mediar as atividades práticas e não simplesmente de expressar pensamentos ou de comunicar ideias. Isto porque: “Palavras são parte da ação e elas são equivalentes às ações.” (MALINOWSKI, 1935, p. 9, nossa tradução)¹². Dessa forma, para o autor compreender as falas dos nativos e se engajar na tradução daquele universo para a língua inglesa, era necessário que ele entendesse muito bem sobre o contexto de cultura que os movia a ser quem eram e se comportar como se comportavam.

Nessa esteira, Malinowski (1935, p. 8, nossa tradução) esclarece:

Se anotássemos as palavras faladas lá e as tratássemos como um texto divorciado do seu contexto de ação e de situação, as palavras poderiam obviamente permanecer sem sentido, inúteis. A fim de reconstruir o sentido de sons, é necessário descrever o comportamento corporal dos homens, para saber o propósito de sua ação, bem como de sua sociologia. A fala aqui é primeiramente usada para o alcance de resultados práticos. Secundariamente ela também cumpre um propósito educativo em que os homens mais velhos e melhor informados transmitem os resultados de suas experiências passadas aos mais jovens.¹³

Para Fuzer e Cabral (2014, p. 29), quando comparado ao contexto de situação (microcontexto), o contexto de cultura (macrocontexto) se mostra mais estável, uma vez que este último é composto por práticas, valores e crenças mais recorrentes, perpetuadas e compartilhadas em uma comunidade.

¹² Words are part of action and they are equivalent to actions.

¹³ If we jotted down the words spoken there and treated them as a text divorced from its context of action and situation, the words would obviously remain meaningless and futile. In order to reconstruct the meaning of sounds it is necessary to describe the bodily behavior of the men, to know the purpose of their concerted action, as well as their sociology. Speech here is primarily used for the achievement of a practical result. Secondly it also fulfils an educational purpose in that the older and better-informed men hand on the results of their past experiences to the younger ones.

No que se refere à retomada dos pressupostos etnográficos na Linguística Sistêmico-Funcional, é notável que Halliday não se dedica a uma teorização extensa acerca do conceito de contexto de cultura, segundo confirma o próprio estudioso na passagem a seguir: “Nós não oferecemos, aqui, um modelo linguístico separado para o contexto de cultura; isso ainda não existe, embora haja ideias proveitosas no entorno.” (HALLIDAY, 1991, p. 47, nossa tradução).¹⁴

Autores, inclusive de outras áreas que se utilizam do aparato sistêmico-funcional para análises linguísticas, também problematizaram a ausência de um aprofundamento acerca do conceito de contexto de cultura. O analista de discurso crítico, Teun A. Van Dijk, por exemplo, afirma: “Embora a noção de ‘contexto de cultura’ possa ser integrada numa teoria mais geral do ‘contexto’, eu não a discutirei aqui, entre outras razões porque os autores da LSF não a usam nem a elaboram muito.” (VAN DIJK, 2012, p. 60).

O pesquisador da Linguística Aplicada, José Luiz Meurer, no artigo intitulado *Ampliando a noção de contexto na linguística sistêmico-funcional e na análise crítica do discurso*, de 2004, também apontou a necessidade de maior aplicação do contexto de cultura para explicar a interdependência entre textos e contextos:

Em dois longos artigos – *Speaking with reference to context* e *Analysing discursive variation* – Hasan (1999 e 2004, respectivamente) observa que a noção de contexto se tornou uma espécie de apêndice não-teórico que precisa ser explicado em escala mais ampla. Essas e outras publicações de Hasan privilegiam o chamado *contexto da situação*, mas não o *contexto da cultura*. Neste trabalho, buscando expandir os conhecimentos sobre esta última dimensão do contexto e sua interação com o discurso, discuto e aplico aspectos da *teoria da estruturação* do sociólogo inglês Anthony Giddens (1979 e 1984). Meu objetivo é desenvolver uma fundamentação sociológica abrangente para a descrição e explicação da interdependência entre textos e contextos mais amplos. (MEURER, 2004, p. 135, grifos do autor).

As tentativas para explicar ou, de certa forma, resolver o que alguns consideram como lacuna na abordagem hallidayana, certamente, não se resumem a esses trabalhos e pesquisadores mencionados. Nessa discussão, o que não pode nos escapar é a indagação sobre qual seria, de fato, o objetivo de pesquisa de Halliday ao utilizar o conceito de contexto de cultura em seu enquadre teórico. Será que ele, realmente, pretendia dar o mesmo peso teórico-metodológico, em seus escritos, aos dois tipos de contexto teorizados por Malinowski?

¹⁴ We have no offered, here, a separate linguistic model of the context of culture; no such thing yet exists, although there are useful ideas around.

Em *An introduction to functional grammar* (2004), podemos encontrar uma possível justificativa para os diferentes tratamentos dispensados pela Linguística Sistêmico-Funcional aos conceitos de contexto de situação e contexto de cultura. No capítulo introdutório do livro, Halliday e Matthiessen relacionam texto e sistema por meio da ideia de instanciação (*instantiation*) e nos explicam que, dentro desse espectro, sistema e texto definem dois polos distintos: o polo do potencial geral (sistema de linguagem) e o polo da instância particular (texto). No polo extremo do texto, encontra-se o contexto de situação, ao passo que no polo extremo do sistema, está o contexto de cultura.

Uma das hipóteses para Halliday ter discorrido de maneira mais ostensiva sobre o contexto de situação em sua teoria é o fato de o autor ter elegido, como objetivo de pesquisa, apresentar o funcionamento dos textos, refletindo sobre práticas de textualização, o que acabou direcionando seu enfoque para a instanciação do potencial linguístico no texto, ou seja, para a relação texto/contexto de situação.

Sendo o contexto de situação composto pelas manifestações rotineiras do dia a dia, elas se tornam conhecidas por meio do trabalho do texto. São manifestações resultantes da instanciação do contexto de cultura, dado pelos costumes, questões morais e políticas de uma comunidade. Em outras palavras, se a instanciação é a relação entre um potencial e a sua instância, então, no que se refere ao contexto de cultura e ao contexto de situação, o contexto de cultura é o potencial – localizado no polo do sistema – enquanto o contexto de situação é a instância, localizada no polo do texto. E, portanto, é por meio do contexto de situação que se acessa o contexto de cultura, o que, por sua vez, permite justificar o fato de Halliday ter se concentrado mais naquele primeiro tipo de contexto.

De toda forma, a discordância nesse ponto da teoria de Halliday adiciona mais uma razão para que continuemos a problematizar a fundamentação de pressupostos funcionalistas e suas relações com outras teorias e conceitos, o que obviamente não se esgota nesse trabalho e abre novas e futuras possibilidades de investigação.

Considerações finais

O princípio que constitui a Linguística Sistêmico-Funcional é dinâmico e potencialmente aberto, haja vista que seu ponto de partida se encontra na concepção de linguagem como sociosemiótica. A dinamicidade, no caso desse paradigma de pesquisa, se origina da capacidade que a língua tem de processar modificações e usos a partir do contexto (situacional e cultural). O potencial de abertura, por seu turno, se relaciona com a capacidade de o sistema semiótico incorporar novas demandas e opções do sistema social.

A língua enquanto um sistema dinâmico e aberto possui um papel intrínseco de atuar como recurso de construção da experiência humana – externa e interna – e na negociação de relações sociais. Esses são dois modos complementares de construção de significado que se desdobram na metafunção ideacional e na metafunção interpessoal da linguagem, respectivamente. Além disso, há um terceiro e fundamental componente responsável por mapear esses significados e relacioná-los ao contexto em que estes são negociados: a metafunção textual, que organiza os significados ideacionais e interpessoais como mensagem coerente e garante a tessitura (*texture*) no texto.

Os significados metafuncionais são organizados em redes de sistemas paradigmáticos e encontram-se diretamente relacionados às características do contexto situacional, em um primeiro momento, e do contexto cultural, em um segundo momento. Como já constatado, a Linguística Sistêmico-Funcional não empreendeu um desenvolvimento teórico aprofundado sobre o contexto de cultura, tendo em vista que os objetivos de pesquisa de Halliday incluíam a realização de manifestações da cultura no contexto de situação, levando o foco de estudo do funcionalista para esse último tipo de contexto.

Com isso, o contexto situacional e suas variáveis de registro – campo, relações e modo – tornaram-se matéria-prima indispensável à organização metafuncional da linguagem. A estratificação da linguagem, constitutiva da proposta sistêmica, é tanto linguística quanto contextual e se explica pelo ambiente semiótico das interações humanas. Por isso, as análises de cunho funcionalista não separam a língua de seu contexto originário.

Nesse percurso, os pressupostos sobre contexto de situação e contexto de cultura, advindos dos preceitos etnográficos de Malinowski, deram subsídios para Halliday propor uma análise da semiose com base nas práticas sociais, o que requer considerar uma maior determinação de elementos sociais sobre a linguagem.

Na dimensão do contexto de situação, a linguagem trabalha sob três variáveis: campo (o que se relata), relações (quem participa) e modo (como se organiza a representação). Essas variáveis determinam o registro (variação linguística) que nos informa em que medida os textos se assemelham e o quanto eles se distinguem por expressarem, linguística e discursivamente, traços do contexto social em que são utilizados. Por outro lado, o contexto de cultura tem muito a dizer sobre as condições sociais mais ligadas a costumes, moral, política, ideologia, que regulam uma determinada comunidade e que se manifestam linguisticamente em textos.

Cabe dizer que o paradigma funcionalista reconhece o entrelaçamento entre elementos semióticos e elementos não-semióticos da prática social, ou seja, desagua na relação entre textos e práticas sociais. Assim, é possível partir da estrutura da linguagem para explicar fenômenos

sociais, assim como é possível também se pode partir de fenômenos sociais para vê-los concretizados nos textos.

Por fim, pode-se afirmar que as noções de contexto de cultura e contexto de situação acabaram por conferir à Linguística Sistêmico-Funcional o *status* de teoria do sistema aberto e viabilizador de mudanças sociais que acontecem via linguagem. A compreensão da linguagem a partir do uso torna possível questioná-la, reformulá-la e ressignificá-la socialmente, o que, invariavelmente, repercute nas condições socioculturais que a condicionam.

Referências

FOWLER, R.; KRESS, G. Critical linguistics. In: FOWLER, R.; HODGE, R.; KRESS, G.; TREW, T. **Language and control**. Londres, Boston e Henley: Routledge & Kegan Paul, 1979. p. 185-221.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado das Letras, 2014.

HALLIDAY, M. A. K. **El lenguaje como semiótica social: la interpretación del lenguaje y del significado**. Traducción de Jorge Ferreiro Santana. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

HALLIDAY, M. A. K. Part A. In: **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1991.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Arnold, 2004.

MAGALHÃES, I.; MARTINS, A. R.; RESENDE, V. M. **Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MALINOWSKI, B. **Coral gardens and their magic: a study of the methods of tilling the soil and of agricultural rites in the Trobriand Islands**. v. 1 and 2. London: Geoge Allen & Unwin Ltd/Museum Street, 1935.

MARTIN, J. R. **English text: system and structure**. Amsterdam: Benjamins, 1992.

MEURER, J. L. Ampliando a noção de contexto na linguística sistêmico-funcional e na análise crítica do discurso. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, v. 4, n.esp, p. 133-157, 2004.

NEVES, M. H. de M. Uma visão geral da gramática funcional. **Alfa Revista de Linguística**, v. 38, p.109-127, 1994.

SILVA, E. C. M. da. Gêneros na teoria sistêmico-funcional. **DELTA**, v. 34, n. 1, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4450297878862629695>. Acesso em: 22 set. 2022.

VAN DIJK, T. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. Tradução: Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

Sobre a autora

Anielle Aparecida Fernandes de Moraes (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-1341-4048>)
Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2021), Mestre em Letras pela Universidade Federal de São João del-Rei (2009), Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (2007) e Graduada em Letras pela Universidade Paulista (2019). Docente na Universidade de Rio Verde. É integrante do Grupo de Estudos Transdisciplinares e Aplicados à Formação de Educadores (GRUPO PORTOS - UFG/CNPq).

Recebido em outubro de 2022.

Aprovado em dezembro de 2022.